

O avesso do avesso

Myrthes Suplicy Vieira

O presidente que acaba de tomar posse prometeu em seu discurso inaugural nos libertar do socialismo e do politicamente correto. Não sei se ele estabeleceu ou não alguma forma de conexão entre esses dois “males”. Seja como for, o indiscutível é que ele acabou implementando, de fato, a libertação de milhares de brasileiros das amarras dos princípios civilizatórios e humanísticos mais primários.

Se não, vejamos. O cidadão médio passou a se arrogar o direito de dar livre vazão a todos seus demônios interiores. Com o aval de seu líder carismático, ele entendeu que já é permitido admitir em público que discrimina certos grupos (todo mundo sabe quais), certas crenças (todo mundo sabe quais) e certos mecanismos democráticos (todo mundo sabe quais). Que pode resolver divergências de arma em punho sem aumentar os índices de criminalidade. Que, mesmo se proclamando cristão, pode se opor frontalmente ao movimento dos direitos humanos porque é chegada a hora de defender os “humanos direitos”. Que há alguns crimes contra a vida mais graves que outros - como fazer aborto, enquanto que a morte de “bandidos” lhe parece bastante aceitável e quiçá desejável em muitas circunstâncias.

Sem pudor ou culpa, ele aprendeu a legitimar o uso da força também como regime de governo e a desqualificar moralmente quem não adere de corpo e alma às novas teses. Sob o manto da liberdade de expressão, ele repete o discurso entre delirante e desinformado de que não existiu a ditadura militar de 1964 e de que os que tombaram sob tortura não passavam de terroristas e assassinos. A todos que ousem apresentar evidências em contrário ou manifestar desagrado com os novos rumos do país, ele prontamente retruca que isso é “chororô de perdedores” inconformados por não poderem continuar “mamando nas tetas do governo”. Aos que denunciam o aumento alarmante nos casos de violência doméstica, feminicídios, crimes motivados por homofobia e transfobia, racismo e xenofobia, ele responde com o entediado e entediante mantra de “chega de mimimi”.

Os tempos claramente são outros. Uma vez derrotados nas urnas os valores iluministas, a sociedade tornou-se presa fácil de quaisquer outros projetos de reforma. Já não há como opor resistência à extinção de direitos indígenas, direitos sociais, incentivos à pesquisa ou à produção artística e cultural. A mudança se anuncia orgulhosamente como radical, ainda que nem os próprios novos gestores percebam que ela está se configurando como um giro de 360 graus. Aparelhamento do estado, corrupção e viés ideológico são espécies políticas declaradas como em via de extinção, já que entendidos como apanágio das hostes de esquerda. Ato falho ou ingenuidade? Seja como for, as primeiras denúncias contra ministros e familiares do próprio presidente já começaram a pipocar, emudecendo parcialmente seus apoiadores. Mudam-se os sinais – o que antes era pecado agora é virtude, e vice-versa – na firme esperança de que o resultado matemático seja diferente de zero.

Os profetas dos novos tempos regozijam-se com a destruição da Sodoma política tropical e com a preparação do terreno para a volta de um estranho Messias, paranoico e justiceiro, ao seio das escolas, das instituições de pesquisa, da justiça e da economia. Mesmo que as propostas apresentadas contrariem a lógica mais elementar, a promessa é a de não restar pedra sobre pedra de tudo o que a mente dos antecessores formulou, desenvolveu e implementou.

Não importa em relação a quais áreas, o mote para as decisões governamentais e ministeriais está em fazer o exato oposto de tudo o que foi feito até aqui. Cadeira no conselho de segurança da ONU? Tô fora! Acordo climático de Paris? Tô fora! Neutralidade diplomática no conflito árabe-israelense? Foi-se o tempo, agora o melhor é mudar a embaixada para Jerusalém. Fortalecimento e liderança no bloco do Mercosul? Tô fora, a hora agora é de cultivar apenas relações bilaterais. Acordo de migração? Me inclua fora dessa, isso daí ofende a soberania nacional...

Numa mistura explosiva de obscurantismo e voluntarismo, ministros e gurus da nova administração lançam-se com furor à tarefa de reescrever a história brasileira, a história universal e até mesmo dispõem-se a questionar a veracidade de teorias científicas consagradas há séculos, mas que colidem em cheio com seus dogmas religiosos. Heliocentrismo? Não creio, há estudos que mostram que.... Teoria da evolução das espécies? Nossa igreja perdeu espaço na ciência ao permitir que ela entrasse nas escolas...

Sei que muitos dos que votaram no novo dirigente não o fizeram por compactuar com suas ideias e imagino que estejam se sentindo tão perplexos e constrangidos quanto eu. Infelizmente, não é a primeira vez que isso acontece em nossa história eleitoral. Desculpem a crueza da analogia: mais uma vez, por medo dos bandidos, a maioria concorda em pagar a milicianos para que cuidem de sua proteção pessoal.

Já abordei muitas vezes um dos traços típicos da alma nacional: a vontade irrefreável de ver resultados e um quase total descomprometimento com os processos para produzi-los. Temos sempre clareza do que não queremos mais, enquanto que a tarefa de construção do futuro nos parece complexa, longa e pesada demais para ficar só em nossas mãos. É fácil, nesse estado de espírito, apostar na ilusão de que o salvador da pátria terá todas as respostas.

Nem tudo parece perdido, no entanto. Psicanaliticamente falando, esse é o assim chamado “retorno do reprimido”. O jogo de rebeldia adolescente no qual estamos agora envolvidos é o de negar só para reafirmar a importância, uma forma de “adorar pelo avesso” a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

Um dia desses qualquer, por puro cansaço ou pelo inevitável envelhecimento da população, vamos acabar nos dando conta de que o fruto nunca cai longe da árvore. Se de uma mangueira não se pode esperar que nasçam abacates, também não se pode esperar que da cabeça de um déspota seja gerado algo de verdadeiramente esclarecido.